

o exemplo dos portugueses que, unidos aos seis e mais, conseguiram em sociedade cultivar a arado roças de certa importância, lucrar e viver. Mesmo o velho costume do 'mutirão' já se havia apagado.

Como remediar isso?
Quaresma desesperava. . .”

(O Triste Fim de Policarpo Quaresma)

“Desinteressado de dinheiro, de glória e posição, vivendo numa reserva de sonho, adquirira a candura e a pureza d'alma que vão habitar esses homens de uma idéia fixa, os grandes estudiosos, os sábios e os inventores, gente que fica mais terna, mais ingênua, mais inocente que as donzelas das poesias de outras épocas.

É raro encontrar homens assim, mas os há e, quando se encontram, mesmo tocados de um grão de loucura, a gente sente mais simpatia pela nossa espécie, mais orgulho de ser homem e mais esperança na felicidade da raça.”

(O Triste Fim de Policarpo Quaresma)

Esquina de Ruas José Maurício com Buenos Aires. Era um barzinho comum, onde Lima parava para uma só talagada e depois se mandava. Ali, raramente ficava sabendo de algum amigo novo, dificilmente encontrava alguém conhecido.

Bar lateral da Estação Dom Pedro II. Ali, Lima se demorava e muito porque encontrava funcionários da Central, do Ministério da Guerra, companheiros antigos que faziam do bar um ponto de encontro depois do expediente. Bar de três portas, loja pequena, quatro mesas, média de duas cadeiras para cada. A essa hora, seis da tarde, sempre ocupadas e ainda muita gente de pé, dentro e fora da calçada, em grupos de quatro-cinco pessoas e o piso ficava tomado de conversadores. Era um típico ponto de encontros no Rio de Janeiro de 1916. Lima ali encontrava antigos amigos, funcionários da Diretoria da Central do Brasil e do Ministério da Guerra, o que já ficou dito. Mas passavam por ali também humildes burocratas, pobres, anônimos e sem nenhuma expressão social.

“Aos olhos dos homens da imprensa, publicar um livro é uma gusadia sem limites, uma temeridade e uma pretensão inqualificáveis e dignas de castigo.”

(Recordações do Escrivão Isaías Caminha)

“MEMORIAL

Exmo. Sr. Presidente da
República dos Estados Unidos do Brasil

Afonso Henriques de Lima Barreto é amanuense da Secretaria de Estado da Guerra há cerca de cinco anos e meio, tendo entrado para a mesma Secretaria em virtude de concurso, em que foi classificado em segundo lugar, com uma insignificante diferença de graus do classificado em primeiro; na lista de antiguidade ocupa o segundo lugar, sendo o primeiro o Senhor Geraldo Horta, que, pela sua avançada idade, não tem sido até agora aproveitado nas promoções.

O promovido foi nomeado em 4 de setembro de 1905; é, portanto, dois anos mais moderno que ele, e não prestou o concurso que a lei manda para entrar para o quadro da Secretaria.

Não apelando para outros merecimentos que na sua pessoa seriam descabidos, julgando-se prejudicado na última promoção, ele vem recorrer para a alta justiça de Vossa Excelência, pois, desvalido de toda a sorte de ajuda e desprezando-as mesmo, só espera dela para que as altas autoridades da República respeitem os seus direitos e recompensem os humildes serviços que tem prestado à administração da República.

Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1909.

(a) AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO”

(Correspondência)

Passava por ali, um ou outro intelectual, o invariável poeta Da Rocha, escriturário da Diretoria da Central do Brasil